

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

TOMO XLVII
Volume 2

**O Diário do Suíço Leonhard
Thurneysser e os Africanos na
Lisboa Renascentista**

BERNARDO JEROSCH HEROLD



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2020

O Diário do Suíço Leonhard Thurneysser e os Africanos na Lisboa Renascentista

BERNARDO JEROSCH HEROLD¹

Um manuscrito alemão de meados do século XVI contém numerosas descrições de plantas e animais observados por um suíço, Leonhard Thurneysser (Basileia, 1531 – Colónia, 1596), em Portugal, bem como uma miscelânea de outras informações recolhidas durante a sua estada em Lisboa, em casa de Damião de Góis.

O presente ensaio apresenta e comenta a tradução portuguesa do capítulo dessa miscelânea referente aos africanos negros de Lisboa. Neste capítulo, Thurneysser descreveu pormenorizadamente as suas características somáticas e os seus hábitos. Também relatou a sua venda como escravos nas ruas de Lisboa e apresentou um conjunto de especulações sobre a razão da sua negridão, em que recorreu à alquimia e à astrologia. Baseado numa carta do imperador da Etiópia mencionou as relações entre a Etiópia, Portugal e a Igreja Católica Romana.

INTRODUÇÃO

Segundo um manuscrito² existente no espólio³ do médico, alquimista e aventureiro Leonhard Thurneysser zum Thurn (Basileia, 1531 – Colónia, 1596)⁴, este passou uma temporada em casa de Damião de Góis em Lisboa nos anos 1555 e 1556. A *Fig. 1* mostra um recorte do frontispício desse manuscrito, em que afirma que este foi «iniciado em Lisboa no Ano de Cristo 1555 e 1556 na habitação do nobre senhor e cavaleiro lusitano Senhor Damião de Góis, na altura do solstício estival».

Thurneysser deixou nesse manuscrito um relato de mais de trezentas páginas sobre a flora e a fauna de Portugal, bem como uma miscelânea de outras informações que recolheu durante a sua estada em Lisboa.⁵ As suas descrições da morfologia de plantas e animais, na maior parte dos casos, parecem resultar da sua observação direta e registam meticolosamente pormenores, mesmo que ínfimos, que prenderam a sua atenção. Manifesta muitas vezes a surpresa e a admiração de quem descobre algo que lhe era desconhecido. Nota-se o desejo de partilhar essas sensações com os seus leitores de língua alemã, ao selecionar as espécies que, nas suas próprias palavras, «se encontram sobretudo na Lusitânia, mas que na nossa terra só raramente ou poucas vezes foram vistas». O estilo da sua escrita tem um ar de

¹ Centro de Química Estrutural do Instituto Superior Técnico/Universidade de Lisboa e Academia das Ciências de Lisboa

² *Staatsbibliothek zu Berlin*, cota Ms. Germ. Fol. 97.

³ Gabriele Kaiser, «Leonhard Thurneysser zum Thurn (1531–1596) und sein Nachlass in der Staatsbibliothek zu Berlin.» in Thomas Horst, Marília dos Santos Lopes and Henrique Leitão (eds.) *Renaissance Craftsmen and Humanistic Scholars*, (Frankfurt am Main: Peter Lang 2017), 121–132.

⁴ Informações biográficas em Y. Schumacher (2011), *Leonhard Thurneysser, Arzt – Alchemist – Abenteurer*, Zürich e G. Spitzer (1996),... *und die Spree führt Gold: Leonhard Thurneysser zum Thurn, Astrologe – Alchimist – Arzt und Drucker im Berlin des 16. Jahrhunderts* (Beiträge aus der Staatsbibliothek zu Berlin, Preußischer Kulturbesitz 3). Ausstellungskatalog. Wiesbaden.

⁵ O manuscrito encontra-se descrito em B.J. Herold, Th. Horst, H. Leitão, A «História Natural de Portugal» de Leonhard Thurneysser zum Thurn, ca. 1555-1556, *Ágora, Estudos Clássicos em Debate* 19 (2017) 305-334, republicado em Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências, Tomo XLVI, 227-248 (2019) e Th. Horst, «A Rediscovered Manuscript about Portuguese Plants and Animals: Preliminary Observations», in Horst, Lopes, Leitão (eds.) *Ibid.*, 131–74.

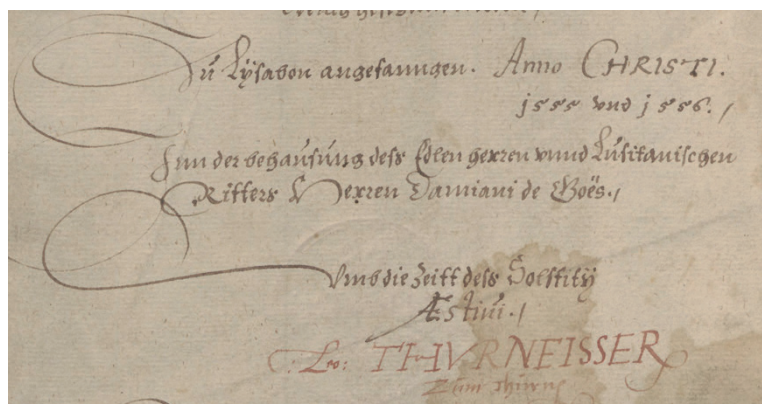


Fig. 1. Pormenor do frontispício do manuscrito de Thurneysser.

ingenuidade de quem, na falta de uma, na altura ainda inexistente, terminologia científica, usa um vocabulário mais próprio dum camponês ou artífice. O vernáculo alemão da época (o *Frühneuhochdeutsch*, alto-alemão pre-moderno), muito semelhante à linguagem usada por Lutero, tem um caráter muito rústico e muitas vezes até grosseiro. Thurneysser não se formou em nenhuma universidade. O seu domínio da língua latina não era comparável ao dos grandes humanistas da sua época.

O pai de Thurneysser era ourives em Basileia e iniciou o seu filho no mesmo ofício. Ele foi, durante algum tempo, fãmulos do Professor Johannes Huber (1507-1571), médico e hebraísta de Basileia. Aí teve contacto com as doutrinas de Paracelso, o que o levou a preferir o empirismo baseado na observação e na experiência ao saber escolástico. A personalidade irrequieta de Thurneysser não se coadunava, porém, com a dedicação a estudos livrescos numa universidade e levou-o, em vez disso, a praticar sucessivamente uma variedade grande de ofícios e de empreender muitas viagens. Adquiriu assim a fama de sábio distinto em domínios tão diversos como a metalurgia, alquimia, botânica, iatroquímica, farmacologia, medicina e astrologia. Atingiu o cume do seu prestígio quando foi nomeado médico pessoal do Príncipe João Jorge, Eleitor do Brandenburgo (1525-1598). Este cedeu-lhe um mosteiro em Berlim, «Graues Kloster», que tinha sido abandonado em consequência da reforma da Igreja. Aí instalou uma botica e uma tipografia em que empregou cerca de 200 servidores. Acumulou uma grande fortuna, não se sabendo se teria sido por inveja, também foi acusado de ser um vigarista e um

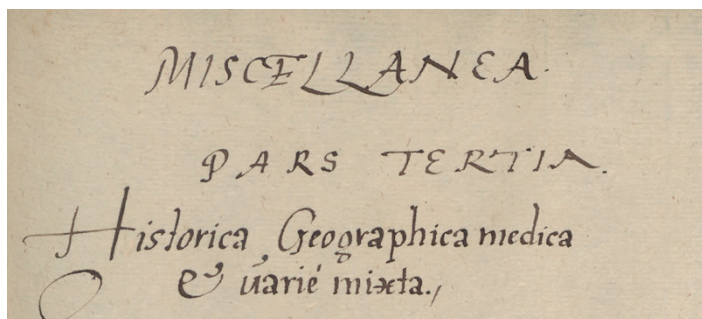


Fig. 2. Pormenor do frontispício da parte terceira do manuscrito de Thurneysser com uma miscelânea «histórica, geográfica, médica e vários mistos».

charlatão. Deixou uma obra impressa monumental sobre alquimia, astrologia e medicina. Do seu espólio também fazem parte manuscritos inéditos da sua autoria, um dos quais contém, ao longo de mais de trezentas páginas, uma descrição de plantas e animais que observou em Portugal. Esse manuscrito continua presentemente a ser transcrito e traduzido, tarefa que, dada a extensão do texto, ainda vai demorar até ser completada. O mesmo manuscrito também contém um conjunto de 48 páginas (ver frontispício na Fig. 2) com uma curiosa miscelânea de uma variedade de outras informações recolhidas em Lisboa.

Dentro dessa miscelânea, destaca-se um surpreendente capítulo de 16 páginas com o título (Fig. 3) *ÆTHIOPUM VEL Nigritarum descriptio* [Descrição dos mouros, negritas e etíopes].

Neste capítulo, Thurneysser, com a mesma atenção aos pormenores que usou nas suas descrições da morfologia de plantas e animais, descreve os caracteres somáticos dos africanos negros que observou em Lisboa. As designações de «mouros, negritas e etíopes» eram usadas naquela época muitas vezes indistintamente como sinónimas de «negros». Estima-se que, em meados do século XVI, perto de 10 por cento da população de Lisboa era de pele negra.⁶ Assim, Thurneysser teve amplas oportunidades de os observar, tanto em locais públicos, como na própria casa de Damião de Góis que era proprietário de alguns escravos negros.⁷

Como anexo do presente artigo, apresenta-se a tradução portuguesa deste texto, cuja transcrição, feita em colaboração com Thomas Horst, já se encontra publicada noutra revista como anexo, juntamente com a respetiva tradução inglesa comentada.⁸

AS FACES DOS AFRICANOS NEGROS

O texto inicia-se sem rodeios com a frase seca de que «têm geralmente uma face larga, e todos [têm] cabelo crespo negro retinto ou de carvão, [isto] tanto os homens, bem como as mulheres». No seguimento, já afirma acerca do cabelo deles, «que o rapam e cortam até à pele, e o qual, logo que volte a crescer um pouquinho, se encrespe de um modo estranho. O mesmo também se sente muito rijo ao tocar.» Esta passagem mostra que, além do que lhe era perceptível visualmente, Thurneysser relata aqui algo que só pode ter verificado pelo tato. Se o seu contacto com negros se tivesse limitado a cruzar-se com negros na rua, não se podia explicar esta passagem. Mas vivendo em casa de Damião de Góis com os seus escravos domésticos, deve-se lhe ter proporcionado a possibilidade de passar a sua mão pelas cabeças dos mesmos. Depois de descrever com imenso pormenor o aspeto dos olhos dos negros, acrescenta uma observação, cujo alcance pode escapar a uma leitura superficial: «Costumam baixar os olhos logo para o solo, mas quando estão sozinhos arregalam-nos muito horrivelmente e devagar.» Os negros evitarem o contacto com os olhos quando se cruzam com um branco demonstra claramente a relação de submissão a que os escravos negros estavam sujeitos.

⁶ Jorge Fonseca, *Escravos e Senhores na Lisboa Quinhentista* (Lisboa: Edições Colibri, 2010); Kate Lowe, «The Global Population of Renaissance Lisbon», in Annemarie Jordan Gschwend and Lowe (eds.) *The Global City on the Streets of Renaissance Lisbon*, (London: Paul Holberton 2015), 57-75. Arlindo Manuel Caldeira, *Escravos em Portugal das origens ao século XIX* (Lisboa: A Esfera dos Livros 2017).

⁷ Dos registos da freguesia de Santa Cruz do Castelo consta que um escravo adulto de Damião de Góis foi batizado em 1554 com o nome António, segundo Edgar Prestage, Pedro d'Azevedo, *Registo da Freguesia de Santa Cruz do Castelo desde 1536 a 1628* (Coimbra 1913), 32. Também se sabe de uma escrava. Outro escravo de nome Sebastião é mencionado no processo da inquisição contra Damião de Góis, de acordo com Raul Rêgo, *O Processo de Damião de Góis na Inquisição* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2007).

⁸ B.J. Herold, *The Diary of the Swiss Leonhard Thurneysser and Black Africans in Renaissance Lisbon*, *Renaissance Studies*, 32(3), 2017, 463-488.

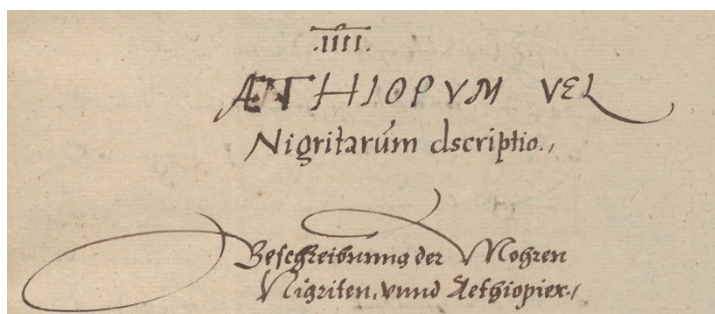


Fig. 3. Pormenor do título capítulo quarto da parte terceira ÆTHIOPUM VEL Nigritarum descriptio [Descrição dos mouros, negritas e etiopes].

Thurneysser não vê nenhuma beleza na contemplação das feições dos negros: «têm narizes chatos ou espalmados, tal como se tivessem sido esborrachados ou partidos por um soco, de maneira a haver um espaço largo sem nenhum alto entre ambos os olhos. Assim também têm um orifício muito grande e repugnante, isto é, o buraco da boca, com beiços carnudos muito mais saídos do que a ponta do nariz. Também a ponta do nariz tem uma forma alargada, repugnante e feia. A boca sobressai de baixo do nariz, como se fosse o focinho de um animal quadrúpede; o interior é muito grande e alargado.» Terá sido desta forma que a generalidade dos europeus do século XVI se referia às feições dos negros?

OUTRAS REPRESENTAÇÕES

Como existem poucas outras fontes escritas desta época, a pergunta não é fácil de responder. As representações verbais de africanos encontram-se bastante dispersas na literatura de viagens da época e foram compiladas e analisadas por vários autores.⁹ Quanto a representações pictóricas¹⁰, existem, no entanto, retratos que revelam que os artistas que os criaram sentiram a beleza dos seus modelos. Quem olha, por exemplo, para dois retratos (Figs. 4 e 5) da autoria do pintor alemão Albrecht Dürer (1471-1528) fica com a impressão de ele ter olhado para os negros como seres humanos com toda a sua dignidade e de ter sido capaz de os aperceber com empatia. O retrato datado de 1508 de um africano anónimo (Fig. 4) representa presumivelmente alguém de posição social elevada, talvez um emissário dum país africano, enquanto Thurneysser, na sua descrição chocantemente drástica, se devia estar a referir às feições de escravos usados em trabalhos braçais, incluindo escravos forros, que viu em Lisboa. Dürer, como artista, manifesta uma sensibilidade que certamente estava acima da média dos europeus da época, enquanto que em Thurneysser nada indica a existência de uma sensibilidade comparável, ao descrever os negros como se fossem espécies zoológicas, e sem manifestar nenhuma empatia com os objetos das suas descrições.

⁹ José da Silva Horta, «A Representação do Africano na Literatura de Viagens, do Senegal à Serra Leoa (1453-1508)». *Mare Liberum* 2 (1991), 209-339; Vanessa Thomas, *Représentations européennes des corps africains au cours des premiers contacts sur les rives atlantiques (1341-1508)* (Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2013); Diogo Gomes de Sintra, *Descobrimento Primeiro da Guiné*, ed. Aires A. Nascimento (Lisboa: Edições Colibri, 2002); Gomes Eanes de Azurara, *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, ed. Torquato de Sousa Soares, 2 vols. (Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1978-1981); Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, ed. Joaquim Barradas de Carvalho (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991).

¹⁰ Jean Devisse, Michel Mollat, *L'Image du Noir dans l'Art Occidental*, 3 vols. (Fribourg: Office du Livre, 1976), Joaneath Spicer (ed.), *Revealing the African Presence in Renaissance Europe* (Baltimore: The Walters Museum, 2012).



Fig. 4. Retrato dum africano anónimo. Desenho a carvão de Albrecht Dürer, 1508. Grafische Sammlung Albertina, Viena.



Fig. 5. Retrato de Catarina, escrava com 20 anos de idade, do feitor português em Antuérpia, João Brandão Sanches. Desenho a ponta de prata de Albrecht Dürer, 1521. Galleria degli Uffizi, Florença.

Há mais um exemplo, em que Dürer dá a impressão de se ter apercebido daquilo que o seu modelo africano estava a sentir. Trata-se do retrato da escrava Catarina do feitor português em Antuérpia, João Brandão Sanches, datado de 1521 (*Fig. 5*), em que Dürer nos transmitiu algo do estado de alma dessa pessoa.

É curioso que, quem olha para esse desenho e conhece as «Endechas a Bárbara Cativa» de Camões, até pode ser levado a imaginar que estes versos se referiam à mesma pessoa que foi retratada por Dürer:

«[...]
 Rosto singular,
 Olhos sossegados,
 Pretos e cansados
 [...]
 Leda mansidão,
 Que o siso acompanha;
 Bem parece estranha,
 Mas Bárbara não.
 [...]»

É óbvio que aquilo que Thurneysser quis transmitir com a sua descrição não foi resultado de nenhuma tentativa de compreender as pessoas a que estava a observar, mas antes de se gabar junto dos seus leitores de ter testemunhado nas suas viagens coisas maravilhosas, exóticas e extraordinárias, e de os convencer de que assim adquiriu uma sabedoria que o punha acima de outras pessoas.

TENTATIVAS DE CLASSIFICAÇÃO

Mais adiante, Thurneysser reconhece que há negros com tipos físicos diferenciados, conforme as regiões de onde foram importados. Parece, no entanto, não ter ideias claras quanto à geografia, conforme sugere a frase inicial obscura: «Na província da Etiópia ou da Arábia, os habitantes são chamados da Mina¹¹. Estes que vieram das costas do Mar Vermelho são os de maior peso e beleza. Têm uma pele macia e mesmo brilhante e lisa, e igualmente no seu corpo são mais perfeitos e mais fortes que os outros mouros, os quais o rei de Portugal não deixa levar daí para outros países por causa das excessivas abundâncias dessas províncias. Por isso manda poupá-los tanto. Porém os mouros que vêm, e são trazidos das ilhas de São Tomé ou do Cabo Verde ou cabeça verde e de Malagueta¹², não são tão negros, mas têm uma cor castanha escura e sobretudo nas suas faces. No entanto, de uma maneira geral, têm as mesmas feições, tipos e figuras dos cabelos, narizes, lábios, pele, vergonhas e dos pés.»

À medida que o texto prossegue torna-se cada vez mais claro que Thurneysser vê os negros em larga medida como uma mercadoria que classifica conforme as suas qualidades relativas.

Thurneysser continua o seu relato com a descrição de cicatrizes decorativas ou rituais que viu nas caras de certos negros: «A muitos entre eles fizeram, como estranho adorno, um corte de ambos os lados da boca, desde a testa ou cabeça até à boca, de forma a que as cicatrizes ou nervuras dos cortes se prolonguem até aos cantos da boca, ficando [os bordos] das feridas muito afastados, o que acham ser um adorno muito importante.»

Um contributo curioso para o conhecimento de certas práticas africanas relacionadas com a medicina tradicional é dado na seguinte passagem: «Às vezes também se golpeiam, como curativo de doenças, nas faces ou bochechas ao pé das orelhas com três ou quatro golpes atravessados, de maneira a deixar escoar o sangue libertado, tal como entre nós acontece na flebotomia ou sangria.» Reparou também noutros costumes como: «Muitos deles desbastam e afiam os dentes com uma lima, de maneira a torná-los tão bicudos como os dos cães, para poderem comer melhor e mastigar a comida.»

Continua a referir-se a características somáticas diferenciadoras, mas em certos aspetos duma forma exagerada e visivelmente contaminada com preconceitos: «Muitos deles também têm uma cabeça alongada e uma testa alta, ombros estreitos e contraídos, uma barriga cova ou metida para dentro, um peito liso ou plano, assim também têm possantes genitálias, nomeadamente um escroto desumanamente grande, e mais um vergalho possante.»

OS AFRICANOS COMO TRABALHADORES E OS SEUS COSTUMES

Descreve muitos outros aspetos morfológicos com muito pormenor. Mais adiante refere-se às suas capacidades de trabalho da seguinte maneira: «São além disso muitíssimo fortes, de tal maneira que, em Lisboa, nos lugares ou mercados comuns, carregam muitas vezes pesos incríveis e transportam volumes grandes e pesados, tal que se se dissesse ou [d]escrevesse ninguém acreditaria. Por isso podem aguentar pacientemente muito trabalho e canseiras.» Esta observação condiz, descontando os exageros, com outros relatos contemporâneos e vê-se ilustrada em várias representações pictóricas (*Fig. 6*).

¹¹ São Jorge da Mina, fortaleza no atual Gana.

¹² Costa da Malagueta na atual Libéria.

Quanto às características de sociabilidade dos negros, ele refere-se certamente a escravos quando escreve: «são muito irascíveis, e não se entendem uns com os outros, e lutam ou batem-se violentamente uns aos outros. Muitos deles, ou quase todos, têm cabeças tão duras que pouco sentem e se importam, quando nelas se bate ou malha. Pois, aqueles que arremessam e batem voltam com os punhos e gritam. E quando se disputam e se zangam, fazem muita gritaria e discussão e usam palavras ofensivas. Assim também são exageradamente vingativos, não se esquecendo facilmente do ódio, nem [são capazes] de dominar a ira e desistir.» Tudo indica que Thurneysser se baseou naquilo que se podia observar nas ruas de Lisboa. As frequentes rixas entre os escravos também são relatadas noutras fontes. Compreendem-se por várias razões, como seja a penúria em que viviam na sua qualidade de escravos, a ausência de agentes arbitrais e no facto de os escravos, por virem muitas vezes de regiões da África muito distantes entre si, habitadas por povos que não falavam a mesma língua, nem observavam os mesmos costumes, fatores que não favoreciam a formação de laços de solidariedade.

Nem tudo o que Thurneysser menciona se baseia na sua observação própria. Como nunca viajou na África, os costumes no comércio entre navegadores portugueses e os africanos só lhe podem ter sido relatados por outras pessoas: «Nas suas terras não usam moeda ou numerário algum, mas só têm umas conchinhas brancas, a que chamam *dentales*, isto são conchinhas escolhidas, que usam entre eles em lugar de dinheiros, na província da Arábia ou Etiópia, tal como foi mencionado antes. Quando lhes são trazidas e propostas pelos navegadores e comerciantes lusitanos vestes e vários e múltiplos utensílios, dão-lhes em troca ouro puro, nativo, em pepitas que trazem na boca. E quando lhes mostram ou indicam mercadoria que lhes sirva ou de que necessitem, cospem na mão a quantidade de pepitas que acham que vale a mercadoria, conforme a sua opinião. Se o comerciante ou mercador não aceitar esse ouro à primeira, afastam-se imediatamente e não juntam mais ouro ao anterior.»

Quanto à alimentação, é possível que o que descreve tenha resultado daquilo que observou diretamente em Lisboa: «A maior parte [...] deles alimenta-se de raízes ou legumes [...] chamados inhame, banana e batata, os quais comem, por vezes crus, e outras vezes cozidos ou fritos. As mesma raízes e legumes também são trazidos daquelas terras a Lisboa e aí vendidos em público.

Para bebida, usam, porém água ou vinho que preparam a partir de frutinhas e cascas de palmeira, porque na sua terra crescem variadas espécies e géneros. Essa bebida é muito mais forte que um vinho o possa ser na Europa.»

O MERCADO DE ESCRAVOS DE LISBOA

A parte mais impressionante do texto sobre os africanos negros é a descrição do mercado de escravos de Lisboa: «são trazidos, anualmente muitos tais mouros ou negritas para Lisboa, que foram retirados a



Fig. 6. Escravo, transportando um odre de vinho em Castela. Do *Trachtenbuch*, de Christoph Weiditz, Germanisches Nationalmuseum Nürnberg.



Fig.7. Vista sobre o Largo do Pelourinho Velho a partir da Rua Nova dos Mercadores. Recorte de pintura de anónimo. © Cortesia da Society of Antiquaries of London, Kelmscott Manor.

pedido, ou contra mercadoria ou dinheiro das suas terras. Os mesmos são depois vendidos em Lisboa. O preço de venda dum homem jovem é normalmente de 20 ou 18 coroas ou ducados, duma mulher, mas virgem, 12 ou ainda menos. Quando são postos à venda são exibidos pela cidade fora e depois levados e exibidos na Rainoba, o lugar onde os comerciantes se reúnem.»

O significado de «Rainoba» pode parecer misterioso à primeira vista, mas sabe-se de outras fontes que o mercado de escravos de Lisboa funcionava no Largo do Pelourinho Velho, contíguo à Rua Nova dos Mercadores (Fig. 7). Aparecer no manuscrito a designação «Rainoba» quer dizer que Thurneysser tinha ouvido o topónimo «Rua Nova» e escreveu essa expressão com uma grafia que corresponde à representação da sua perceção auditiva. Revela-se assim que nunca viu escrito o nome daquela rua, o que naquela época não surpreende, porque não havia letreiros com os nomes das ruas, tal como passou a ser normal, pelo menos a partir do século XVIII. Do mesmo modo também não havia um serviço de correio organizado que exigisse escrever-se o nome da rua no endereço duma carta. Isso está de acordo com Thurneysser ter registado aquilo que tinha observado e ouvido e que os seus relatos não serem cópias de textos de outro autor ou autores. Continua a sua descrição da venda de escravos da forma seguinte: «À frente deles vai sempre o pregoeiro, que com uma voz perceptível e clara, anuncia e confirma o preço [...] pelo qual se vai vender. Entre os mesmos que foram mostrados e estão à venda, há vários homens e mulheres, homens jovens e mulheres virgens todos nus ou descobertos, mas alguns com as vergonhas tapadas e o resto do corpo todo nu. Os comerciantes tocam e apalpam-nos em todas as partes e sobretudo ao pé do umbigo que quando está saído e o ventre está dilatado e inchado não os compram, porque acham que isso é sinal duma enfermidade perigosa. Também lhes têm de mostrar e abrir as vergonhas ou genitálias, esticarem os pés e levantar e baixar os braços repetidamente, de onde deduzem a sua força e mostrarem a capacidade de levantarem pesos (examinam-lhes também os dentes, tal como se faz com os cavalos) para os comprarem, mexem nas suas mamas e apalpam os mamilos. Perguntam-lhes quantos filhos já pariram, ao que respondem conforme os seus *cauponibus* ou vendedores lhes

ensinaram antes, mostrando um número de dedos [da mão]. E mostram dois, três, quatro ou cinco dedos, segundo tinham entendido, quantos filhos terão parido.»

Existe uma outra descrição do comércio de escravos em Lisboa que no essencial coincide com a de Thurneysser. Trata-se do relato da estada em Lisboa, em 1514, do peregrino flamengo Jan Taccoen de Zillebeke.¹³ A caminho de Jerusalém, alojou-se em casa do seu filho que era comerciante em Lisboa. A descrição que faz de Lisboa inclui o desembarque de uma remessa de escravos vinda de África e a sua venda. Os relatos de Thurneysser e Zillebeke quanto à venda são quase idênticos, mas o de Zillebeke, contrariamente a Thurneysser tem uma descrição do desembarque com pormenores da maneira de lhes ser dada água e comida à chegada, como se fossem animais. O relato mais antigo dum desembarque de escravos é o de Gomes Eanes de Zurara, na praia de Lagos, em 1444, que se diferencia dos outros dois por comentar a crueldade do ato, sobretudo a separação das famílias e apresentar uma espécie de justificação moral pelo facto de haver escravos que, uma vez vendidos, passaram a trabalhar, a andar vestidos, terem aprendido a falar português, terem sido instruídos na fé cristã e finalmente sido batizados.¹⁴

AS RAZÕES DA NEGRIDÃO

Thurneysser também desenvolve no manuscrito as suas ideias sobre as razões da negridão dos africanos, embora reconheça logo de entrada: «[...] a razão de terem uma cor ou pele preta de carvão em todo o corpo [...] quase que escapa à razão humana, e é quase impossível, nem é fácil de fundamentar ou compreender perfeitamente, por que são paridos pretos do ventre da mãe, e isso não só quando nascem nas suas terras, mas também na Hispânia Lusitana e todas as outras [terras] para onde são levados.» Reconhece, portanto, que a cor da pele é hereditária e não adquirida após o nascimento, e estabelece a analogia entre os resultados da miscigenação humana com a dos animais: «E quando um homem branco se mistura com uma moura preta, as crias da mesma são meio pretas, o que os lusitanos chamam *mulatos*. Tal como na mesma forma aos animais, os nascidos da cópula de um garanhão ou cavalo e duma burra, se chamam mulas, embora estas sejam em geral inférteis. Enquanto [nos mulatos e mulatas] em muitos [casos] se verifica que são férteis.»

Concluiu com toda a razão que a cor negra da pele não é adquirida após o nascimento por ação da luz solar e do calor intenso de África: «De tudo isto se colige e conclui suficientemente que a causa perfeita da negridão dos pretos e etíopes não pode ser a *elevatio solis* e *aducti* ou *fervens æstus regionis*, isto é, a elevação do Sol acima das suas terras e o seu calor imenso.» A partir daí o seu raciocínio torna-se, porém, mais confuso: «Acho, antes, que isso resulta da natureza particular e das propriedades da terra que habitam e que isso seja a causa mais importante da sua negridão. No entanto, também não nego de todo que contribuam muito para a sua negridão as referidas circunstâncias de *προδφερομενα*, isto é, *adiuvamenta* ou coadjuvação efetiva, nomeadamente a notícia da elevação do ☉ acima das suas cabeças que provocaria a combustão e transmutação do sémen.» Esta passagem é bastante enigmática, mas certamente o vocábulo *orosferomena* foi derivado do grego *orosfera* (parte sólida da superfície terrestre), não se sabendo onde Thurneysser o pode ter lido ou se o inventou. Curiosa é também a utilização do símbolo «☉», porque, na astrologia e na alquimia, este símbolo tanto significava Sol como ouro. Isto

¹³ Eddy Stols, Jorge Fonseca, Stijn Manhaege, *Lisboa em 1514: O Relato de Jan Taccoen van Zillebeke* (V. N. Famalicão: Edições Húmus, 2014).

¹⁴ Azurara, *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*.

sugere que Thurneysser, ao reconhecer que a fundamentação e a compreensão da negridão «escapa à razão humana», procura uma explicação nos astros ou na alquimia. Nas doutrinas da alquimia, o conhecimento reclama muitas vezes como origem uma revelação a um iniciado em vez de uma explicação racional baseada na observação e na experiência. Mais curiosa ainda é a afirmação de que «Esta opinião também é a do bem douto e nobre Damião de Góis, do supremo governador lusitano das Índias, que atribui a negridão dos etíopes a sobretudo três causas, como seja a *elevationem* ou elevação do ☉, depois disso a *adustionem spermatis parentum*, isto é o esperma dos seus pais ter sido queimado, e em terceiro lugar que a *regionis humiditatem*, isto é a secura ou os frutos da terra possuírem uma propriedade negrejante, com a exceção (diz ele) dos *mulis* (que se entendem como povos originários de uma província etíope especial), que transmigraram e vieram de *aethiopiam per colonias*, por estes originalmente não terem sido pretos, mas em geral terem ficado queimados pelo grande calor do Sol e se terem tornado negros. Por isso, não há dúvida de que a verdadeira causa da sua negridão é a vizinhança e elevação do Sol, de tal forma que o seu esperma pode ter ficado queimado e muitos outros *προδφερομενα* produzirem uma matéria que confere a cor negra, e em especial a grande secura e aridez das mesmas terras. Além disso também acredito, e considero adquirido ou aceito totalmente que a principal causa da sua negridão é uma certa posição de várias estrelas, com que aquelas terras têm uma certa familiaridade de onde [a sua negritude] nasce e flui.

[Isto] porque também vemos que os índios ou indianos que agora se chamam *Brysili* que habitam no mesmo *Tractatu* das *zonæ torridæ*, isto é abaixo da linha dos equinócios, são muito mais, mas não completamente brancos, e antes mais amarelos ou pálidos do que pretos.»

A referência explícita a uma troca de ideias com Damião de Góis em si já é interessante, por revelar que este não só acolheu Thurneysser em sua casa (na altura no Paço das Alcáçovas, já abandonado por D. Manuel quando passou a residir no Paço da Ribeira), como o envolveu em colóquios filosóficos. Thurneysser tinha sido batizado numa igreja então já luterana da Basileia. Embora ele não apareça mencionado no processo de inquisição de Damião de Góis, sem dúvida que pertencia ao grupo de frequentadores da casa de Góis que levantaram suspeitas aos denunciadores. Nas especulações sobre as razões da negridão dos africanos como resultante de o sémen dos antepassados ter ficado torrado, reconhece a incompatibilidade dessa explicação com o facto de os povos naturais do Brasil em latitudes semelhantes terem peles mais claras. Essa contradição já tinha sido apontada em 1506 pelo cosmógrafo Duarte Pacheco Pereira em *Esmeraldo de Situ Orbis*.¹⁵ No final do capítulo sobre os negros, Thurneysser mencionou, em estilo de adenda a seguinte nota acerca dum africano albino que deve ter adensado as suas dúvidas acerca da doutrina do sémen torrado: «Finalmente vi, no entanto, em Lisboa, um homem, que nascera e fora concebido não longe da Mina de dois pais negros de carvão e que, apesar disso, era todo branco, pois muito mais branco que um alemão [alguma vez] pode ser, mas que em todos os membros tinha feições semelhantes às dos mouros e egípcios ou negritas.»

¹⁵ Pereira, *Esmeraldo*.

O «REI DOS ETÍOPES»

Nas últimas páginas do capítulo sobre os negros, Thurneysser menciona informações sobre as relações da Etiópia com Portugal. Damião de Góis, como responsável da Torre do Tombo, pode lhe ter mesmo facultado o acesso aos documentos diplomáticos em causa¹⁶:

«O rei dos etíopes ou dos negritas, isto é dos mouros negros, é devoto de uma religião que é semelhante à religião da Igreja Romana, porque eu vi a carta dirigida pelo mesmo à santidade papal e ao rei da Lusitânia, na qual pede vários auxiliares, artesãos e mestres e solicita que lhe sejam enviados; na qual carta e missiva ele testemunha a sua fé, e relata o início e a origem [da mesma], embora também se queixe sobretudo dos reis e príncipes da Europa estarem desunidos e inválidos uns para os outros, quando deviam constituir um só corpo, uma vez que têm a mesma religião e uma única cabeça em Cristo. Tal como também é o caso do rei das Índias, que por isso dá muito amor e valor aos francos (porque é assim que chamam todos os povos europeus) quando vieram ter com ele para, na proteção e defesa da cidade de Cambaia, derrotarem e afugentarem centenas de milhares de turcos, pelo que escreve e testemunha expressamente que *Deum nobiscum esse*, isto é, que Deus está conosco e no meio de nós.»

PORQUE TERÁ THURNEYSSER ESCRITO O SEU RELATO, MAS NÃO O PUBLICOU?

Tudo o que se sabe sobre Thurneysser revela-o como uma pessoa com uma curiosidade insaciável, o que o levou a aproveitar todas as oportunidades de alargar o seu conhecimento do mundo. Assim viajou muito pela Europa e trabalhou em vários ofícios, preferindo essa forma de se instruir, em comparação com os ensinamentos que poderia colher em universidades e academias. Como paracelsiano que era, valorizava o conhecimento empírico pela observação e a experiência, considerando que quem mais sabia de um ofício era quem o praticava. Exprime estas convicções no frontispício da parte do manuscrito chamada «Miscelânea». Apresenta o seu relato afirmando: «As viagens e caminhadas de uma pessoa pensadora profunda e hábil são superiores a quase todos os *Academiarum studijs* ou diligência na filosofia.»

Para legitimar essa convicção, cita Plutarco (*Fig. 8*), de maneira a se apresentar como alguém que, através das suas viagens, ganhou muita sapiência. Esse género de autopublicidade resultava muito bem e contribuiu certamente para ser convidado como médico pessoal do Príncipe Eleitor do Brandenburgo. A sua fama espalhou-se por outras cortes europeias e levou, por exemplo, a rainha Isabel de Inglaterra a enviar o seu famoso conselheiro John Dee com uma amostra da sua urina a Berlim de onde voltou com um diagnóstico, receitas, um horóscopo e uma arca cheia de drogas, tudo pago a peso de ouro. Acumulou uma grande fortuna com negócios de exportação internacional dos produtos fabricados na sua botica, das obras que imprimiu na sua tipografia, sobretudo dos almanaques que continham entre muitas informações também horóscopos. É evidente que a habilidade com que criou a sua fama de sábio lhe serviu lindamente.

Não admira assim que, à medida que ia viajando e estudando, registasse as suas observações. Embora não se conheçam nenhuns destinatários específicos destes relatos, a sua leitura sugere que desejava impressionar os seus leitores germânicos com tudo o que lhe parecia maravilhoso, exótico e até insólito.

¹⁶ Damião de Góis, *Fides, religio, moresque Aethiopum sub imperio pretiosi Ioannis...* (Leuven, Ex officina Rutgeri Rescij, 1540).

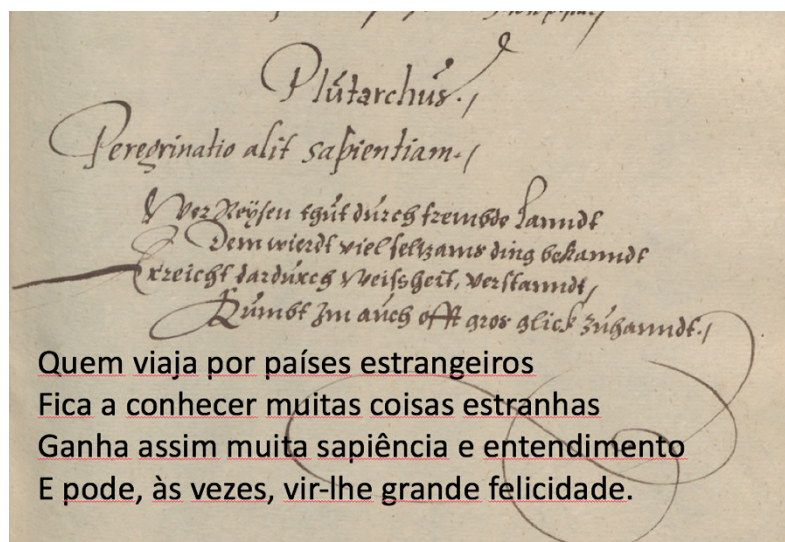


Fig. 8. Recorte do frontispício da parte do manuscrito com o título «Miscelânea».

Qual teria sido a razão de nunca ter publicado este manuscrito? O manuscrito que se conhece não é um autógrafa de Thurneysser, mas uma cópia feita por um dos seus servidores, cerca de 15 a 20 anos depois da sua viagem a Lisboa. Estaria a planear a sua publicação? Thurneysser publicou muitos livros, usando para esse fim a sua própria tipografia. Comparando a qualidade desses livros com este manuscrito verifica-se que, para se utilizar os textos para efeitos de publicação, havia ainda um longo caminho a percorrer. No que respeita à descrição da flora e fauna de Portugal, também se verifica que seria difícil competir com a qualidade de livros que outros autores publicaram naquela época, por exemplo herbários como o de Konrad Gessner (1516-1565) *Enchiridion historiae plantarum* e *Catalogus plantarum* (1542).

Thurneysser estava envolvido em muitos projetos simultâneos, pelo que não admira que alguns seriam adiados para mais tarde. Não só era o médico pessoal do Príncipe Eleitor, como também era responsável pela saúde pública em Berlim, nomeadamente durante a epidemia de peste bubónica de 1576.¹⁷ Também era industrial e exportador de medicamentos, tipógrafo e autor de uma série de livros sobre alquimia, medicina e astrologia luxuosamente ilustrados, para o que dispunha de cerca de 200 empregados. Além disso, a sua partida precipitada de Berlim, por motivos pouco claros, obrigou-o a deixar para traz uma grande parte do seu espólio, o que o impossibilitou de sobre ele trabalhar. Isto seria uma explicação plausível, mas não suficientemente fundamentada para se poder desvendar as verdadeiras razões do manuscrito ter permanecido em Berlim, onde ficou incorporado na biblioteca do principado eleitor do Brandenburgo.

¹⁷ Diethelm Eikermann, Gabriele Kaiser, *Die Pest in Berlin 1576*, 2012, Basilikenpresse, Rangsdorf.

Tradução de excertos do manuscrito da *Staatsbibliothek zu Berlin ref. Ms. Germ. Fol. 97*

Excerto fol. 129r:

MISCELÂNEA

PARTE TERCEIRA

Histórica, geográfica, médica
e de várias [matérias] mistas

O que foi tudo depreendido e consignado
por um excelente e mui douto senhor
nas suas caminhadas e viagens

Ano de CRISTO

1555 e 1556

As viagens e caminhadas de uma pessoa pensadora profunda e hábil
são superiores a quase todos os *Academiarum
studijs* ou diligência na filosofia

Plutarco

Peregrinatio alit sapientiam

Quem viaja por países estrangeiros

Fica a conhecer muitas coisas estranhas,

Ganha assim muita sapiência e entendimento

E pode, às vezes, vir-lhe grande felicidade.

Excerto fol. 133v-142r:

Fol. 133v:

III.

ÆTHIOPUM VEL

Nigritarum descriptio

Descrição dos mouros

negritas e etíopes

Têm geralmente uma face larga, e todos [têm] cabelo crespo negro retinto ou de carvão,

Fol. 134 r:

[isto] tanto os homens, bem como as mulheres, que o rapam e cortam até à pele, e o qual, logo que volte a crescer um pouquinho, se encrespe de um modo estranho. O mesmo também se sente muito rijo ao tocar. Assim os homens também têm barbas tão negras como carvão e igualmente rijas, que não lhes ficam muito compridas. Muitos deles têm faces achatadas ou espalmadas. Muitos têm olhos muito grandes. Muitos outros têm olhos desmesuradamente pequenos, e são todos negros incluindo o globo e todos os círculos do mesmo. Porém o branco dos seus olhos tem pontinhos e estriazinhas vermelhas. Também os olhos, incluindo as pálpebras e sobrancelhas, sobressaem muito da cabeça. Assim também têm as pestanas e os pelos das sobrancelhas bastante curvados, isto é muito negros, curvados acima e

abaixo dos olhos. Costumam baixar os olhos logo para o solo, mas quando estão sozinhos arregalam-nos muito horrivelmente e devagar.

Fol. 134 v (276):

Também têm narizes chatos ou espalmados, tal como se tivessem sido esborrachados ou partidos por um soco, de maneira a haver um espaço largo sem nenhum alto entre ambos os olhos. Assim também têm um orifício muito grande e repugnante, isto é o buraco da boca, com beiços carnudos muito mais saídos do que a ponta do nariz. Também a ponta do nariz tem uma forma alargada, repugnante e feia.

A boca sobressai de baixo do nariz, como se fosse o focinho de um animal quadrúpede; o interior é muito grande e alargado. Também têm lábios com beiços muito carnudos e inchados, que eles não conseguem apertar ou puxar para dentro. Parecem como se as suas rugas tivessem sido

Fol. 135 r (277):

alisadas soprando por dentro ou que uma fitinha sedosa do lado de fora tivesse inchado, embora por dentro sejam muito secos e gretados. Têm dentes muito brancos e a ponta do queixo[?] muito achatada; os queixos ficam ensombrados pelos beiços ou por uma barba. Também são negros retintos como carvão ou pez no resto do corpo, embora haja uns mais pretos que os outros.

Na província da Etiópia ou da Arábia, os habitantes são chamados da Mina. Estes que vieram das costas do Mar Vermelho são os de maior peso e beleza. Têm uma pele macia e mesmo brilhante e lisa, e igualmente no seu corpo são mais perfeitos e mais fortes que os outros mouros, os quais o rei de Portugal não deixa levar daí para outros países por causa das excessivas abastanças dessas províncias. Por isso manda

Fol. 135 v (278):

poupá-los tanto. Porém os mouros que vêm, e são trazidos das ilhas de São Tomé ou do Cabo Verde ou cabeça verde e de Malagueta,¹⁸ não são tão negros, mas têm uma cor castanha escura e sobretudo nas suas faces. No entanto, de uma maneira geral, têm as mesmas feições, tipos e figuras dos cabelos, narizes, lábios, pele, vergonhas e dos pés. A muitos entre eles fizeram, como estranho adorno, um corte de ambos os lados da boca, desde a testa ou cabeça até à boca, de forma a que as cicatrizes ou nervuras dos cortes se prolonguem até aos cantos da boca, ficando [os bordos] das feridas muito afastados, o que acham ser um adorno muito importante.

Às vezes também se golpeiam, como curativo de doenças, nas faces ou bochechas ao pé das orelhas com três ou quatro golpes atravessados, de maneira a deixar

Fol. 136 r (279):

escoar o sangue libertado, tal como entre nós acontece na flebotomia ou sangria. Às vezes também golpeiam e fendem as mãos e os pés. Muitos deles desbastam e afiam os dentes com uma lima, de maneira a torná-los tão bicudos como os dos cães, para poderem comer melhor e mastigar a comida. Muitos deles

¹⁸ Costa da Malagueta, atualmente na Libéria.

também têm uma cabeça alongada e uma testa alta, ombros estreitos e contraídos, uma barriga cova ou metida para dentro, um peito liso ou plano, assim também têm possantes genitálias, nomeadamente um escroto desumanamente grande, e mais um vergalho possante. Além disso têm canelas bastante curtas e coxas e pés pequenos, mas sendo os pés mais largos junto aos dedos. Os dedos dos pés porém são quase igualmente compridos e grandes. Assim também

Fol. 136 v (280):

têm calcanhares pequenos e gretados que têm um aspecto mais esbranquiçado, mas que, juntamente com a planta do pé, são muito duros, como se tivessem sido secados. Também têm mãos bastante proporcionadas que por dentro não são assim tão negras como carvão. Assim, sobretudo nos homens, a pele das palmas das mãos é tão dura e áspera que nelas se podem afiar navalhas. Podendo considerar-se que a pele de quase todo o seu corpo seria também tão seca, gretada e dura, a [restante] pele do seu corpo é [no entanto] muito macia e não tem nenhum cabelo em qualquer sítio. A estatura ou a proporção do seu corpo é mediana. Assim alguns também se tornam grisalhos nas suas cabeças com a idade. São além disso muitíssimo fortes, de tal maneira que, em Lisboa, nos lugares ou mercados comuns, carregam muitas vezes pesos incríveis e transportam volumes grandes e pesados, tal que se se dissesse ou [d]escrevesse ninguém acreditaria. Por isso podem aguentar pacientemente muito trabalho e canseiras.

Fol. 137 r (281):

Assim também são muito irascíveis, e não se entendem uns com os outros, e lutam ou batem-se violentamente uns aos outros. Muitos deles, ou quase todos, têm cabeças tão duras que pouco sentem e se importam, quando nelas se bate ou malha. Pois, aqueles que arremessam e batem voltam com os punhos e gritam. E quando se disputam e se zangam, fazem muita gritaria e discussão e usam palavras ofensivas. Assim também são exageradamente vingativos, não se esquecendo facilmente do ódio, nem [são capazes] de dominar a ira e desistir. Nas suas terras não usam moeda ou numerário algum, mas só têm umas conchinhas brancas, a que chamam *dentales*, isto são conchinhas escolhidas, que usam entre eles em lugar de dinheiros, na província da Arábia ou Etiópia,

Fl. 137 v (282):

tal como foi mencionado antes. Quando lhes são trazidas e propostas pelos navegadores e comerciantes lusitanos vestes e vários e múltiplos utensílios, dão-lhes em troca ouro puro, nativo, em pepitas que trazem na boca. E quando lhes mostram ou indicam mercadoria que lhes sirva ou de que necessitem, cospem na mão a quantidade de pepitas que acham que vale a mercadoria, conforme a sua opinião. Se o comerciante ou mercador não aceitar esse ouro à primeira, afastam-se imediatamente e não juntam mais ouro ao anterior.

A maior parte ou grupo deles alimenta-se de raízes ou legumes, conforme as imagens que se desenharam¹⁹, chamadas INHAME, BANANA e Batata,

¹⁹ Deve referir-se a desenhos que constavam dum original perdido de que este manuscrito foi copiado.

Fol. 138 r (283):

os quais comem, por vezes crus, e outras vezes cozidos ou fritos. As mesmas raízes e legumes também são trazidos daquelas terras a Lisboa e aí vendidos em público.

Para bebida, usam porém água ou vinho que preparam a partir de frutinhas e cascas de palmeira, porque na sua terra crescem variadas espécies e géneros. Essa bebida é muito mais forte que um vinho o possa ser na Europa.

São muitíssimo incastos, desejosos, voluptuosos, lúbricos e desavergonhados, e especialmente as mulheres são mais divertidas, hábeis e mimosas nas *opere venereo*, pois são mais divertidas, sabidas e desejosas. E então têm especial pendor, desejo e amor por homens brancos e desejam concubinar e se miscigenar com os mesmos.

Nas suas terras não cresce nenhum gengibre,

Fol. 138 v (284):

mas muita malagueta a que podemos chamar *Paradeiß*.²⁰

Mas são trazidos, anualmente muitos tais mouros ou negritas para Lisboa, que foram retirados a pedido, ou contra mercadoria ou dinheiro das suas terras. Os mesmos são depois vendidos em Lisboa. O preço de venda dum homem jovem é normalmente de 20 ou 18 coroas ou ducados, dum mulher, mas virgem 12 ou ainda menos. Quando são postos à venda são exibidos pela cidade fora e depois levados e exibidos na RAINOBA²¹, o lugar onde os comerciantes se reúnem. À frente deles vai sempre o pregoeiro, que, com uma voz perceptível e clara, anuncia e confirma o preço, isto é o dinheiro pelo qual se vai vender. Entre os mesmos que foram mostrados e estão à venda, há vários homens e mulheres, homens jovens e mulheres virgens

Fol. 139 r (285):

todos nus ou descobertos, mas alguns com as vergonhas tapadas e o resto do corpo todo nu. Os comerciantes tocam e apalpam-nos em todas as partes e sobretudo ao pé do umbigo que quando está saído e o ventre está dilatado e inchado não os compram, porque acham que isso é sinal dum enfermidade perigosa. Também lhes têm de mostrar e abrir as vergonhas ou genitálias, esticarem os pés e levantar e baixar os braços repetidamente, de onde deduzem a sua força e mostrarem a capacidade de levantarem pesos (examinam-lhes também os dentes, tal como se faz com os cavalos) para os comprarem, mexem nas suas mamas e apalpam os mamilos. Perguntam-lhes, quantos filhos já pariram, ao que respondem conforme os seus *cauponibus* ou vendedores lhes ensinaram antes, mostrando um número de dedos [da mão]. E mostram dois, três, quatro ou cinco dedos, segundo tinham entendido,

Fol. 139 v (286):

quantos filhos terão parido. E sobretudo as mulheres.

No que respeita e é relativo à sua cor preta, e qual a razão de terem uma cor ou pele preta de carvão em todo o corpo, esta quase que escapa à razão humana, e é quase impossível, nem é fácil de

²⁰ Expressão alemã de significado obscuro dentro do contexto e que, por isso, não se traduziu. «*Paradeiser*» é uma expressão regional (Áustria) que significa tomate. Neste contexto, não é este com certeza o significado. Em inglês «*grains of paradise*» é um sinónimo antiquado de malagueta.

²¹ Rua Nova dos Mercadores?

fundamentar ou compreender perfeitamente, por que são paridos pretos do ventre da mãe, e isso não só quando nascem nas suas terras, mas também na Hispânia Lusitana e todas as outras [terras] para onde são levados. E quando um homem branco se mistura com uma moura preta, as crias da mesma são meio pretas, o que os lusitanos chamam *mulatos*. Tal como na mesma forma aos animais, os nascidos da cópula de um garanhão ou cavalo e duma burra, se chamam mulas, embora estas sejam em geral

Fol. 140 r (287):

inférteis. enquanto [nos mulatos e mulatas] em muitos [casos] se verifica que são férteis.

De tudo isto se colige e conclui suficientemente que a causa perfeita da negridão dos pretos e etíopes não pode ser a *elevatio solis* e *aducti* ou *fervens æstus regionis*, isto é a elevação do Sol acima das suas terras e o seu calor imenso. Acho, antes, que isso resulta da natureza particular e das propriedades da terra que habitam e que isso seja a causa mais importante da sua negridão. No entanto, também não nego de todo que contribuam muito para a sua negridão as referidas circunstâncias de *προδφερομενα*²², isto é *adiuvamenta* ou coadjuvação efetiva, nomeadamente a notícia da elevação

Fol. 140 v (288);

do ☉²³ acima das suas cabeças que provocaria a combustão e transmutação do sémen. Esta opinião também é a do bem douto e nobre Damião de Góis, do supremo governador lusitano das Índias, que atribui a negridão dos etíopes a sobretudo três causas, como seja a *elevationem* ou elevação do ☉, depois disso a *adustionem spermatis parentum*, isto é o esperma dos seus pais ter sido queimado, e em terceiro lugar que a *regionis humiditatem*, isto é a secura ou os frutos da terra possuírem uma propriedade negrejante, com a exceção (diz ele) dos *mulis* (que se entendem como povos originários de uma província etíope especial)], que transmigraram e vieram de *æthiopiam per colonias*, por estes originalmente não terem sido pretos, mas em geral terem ficado queimados pelo grande calor do Sol e se terem tornado negros. Por isso, não há dúvida que a verdadeira causa da sua negridão é a vizinhança e

Fol. 141 r (289):

elevação do Sol, de tal forma que o seu esperma pode ter ficado queimado e muitos outros *προδφερομενα* produzirem uma matéria que confere a cor negra, e em especial a grande secura e aridez das mesmas terras. Além disso também acredito, e considero adquirido ou aceito totalmente que a principal causa da sua negridão é uma certa posição de várias estrelas, com que aquelas terras têm uma certa familiaridade de onde [a sua negritude] nasce e flui.

[Isto] porque também vemos que os índios ou indianos que agora se chamam *Bryili* que habitam no mesmo *Tractatu* das *zonæ torridæ*, isto é abaixo da linha dos equinócios, são muito mais, mas não completamente brancos, e antes mais amarelos ou pálidos do que pretos.

O rei dos etíopes ou dos negritas, isto é dos mouros negros, é devoto de uma religião que é semelhante à religião da Igreja Romana,

²² Orosferomena, vocábulo de significado obscuro, mas que certamente está relacionado com orosfera (parte sólida da superfície terrestre).

²³ ☉ é o símbolo alquímico do ouro e do Sol, também usado na astrologia. Segundo as doutrinas da alquimia, ☉ tem a virtude de causar transformações noutros corpos.

Fol. 141 v (290):

porque eu vi a carta dirigida pelo mesmo à santidade papal e ao rei da Lusitânia, na qual pede vários auxiliares, artesãos e mestres e solicita que lhe sejam enviados; na qual carta e missiva ele testemunha a sua fé, e relata o início e a origem [da mesma], embora também se queixe sobretudo dos reis e príncipes da Europa estarem desunidos e inválidos uns para os outros, quando deviam constituir um só corpo, uma vez que têm a mesma religião e uma única cabeça em Cristo. Tal como também é o caso do rei das Índias, que por isso dá muito amor e valor aos francos (porque é assim que chamam todos os povos europeus) quando vieram ter com ele para, na proteção e defesa da cidade de Cambaia, derrotaram e afugentaram centenas de milhares de turcos, pelo que escreve e testemunha expressamente que *Deum nobiscum esse*, isto é que Deus está connosco e no meio de nós.

Finalmente vi, no entanto, em Lisboa, um homem, que nascera e fora concebido não longe da Mina de dois pais negros de carvão e que, apesar disso, era todo branco, pois muito mais branco que um alemão [alguma vez] pode ser, mas que em todos os membros tinha feições semelhantes às dos mouros e egípcios ou negritas.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA ÀS CLASSES DE CIÊNCIAS E LETRAS
NA SESSÃO CONJUNTA DE 3 DE MAIO DE 2018)